



DIRECTOR
AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

DE SANTA
RITA



Por AUGUSTO DE SANTA-RITA



FAZ-TUDO-MALUCO era a al-
cunha dum «jongleur», um
malabarista, com certos pa-
lhaços do Coliseu.

Era o maior amigo dos
animais e das coisas, que o
tratavam *tu lá, tu cá...* como
se houvessem andado juntos
na escola ou já tivessem comi-
do no mesmo prato.

Dado a excentricidades, Faz-Tudo-Maluco, fa-
zia habilidades como nem mesmo o mais hábil
palhaço, coisas do Arco da Velha, com o ar mais
natural deste mundo.

Nasceu enfezadito e era tão amarelinho em
miúdo que, para não murchar completamente, ti-
nha de ser regado pela mãe, a qual toda se con-
sumia ao vê-lo como um espinafre.

Aos dez anos começou a aprender ginástica,
a andar a cavalo, a jogar o «golf», o «bóx», esgrima
e natação, acabando por nadar tão bem que
a mãe, toda envaidecida, respondia sempre a mes-
ma coisa, invariavelmente, quando lhe faziam as
seguintes perguntas:

- Então, que faz o seu menino?
 - Nada.
 - Quais são as suas gracinhas?
 - Nada.
 - E não revela nenhuma vocação?
 - Nada.
 - Pode lá ser! Isso é modéstia sua.
 - Acredite que é verdade. Nada, nada, nada!
- E, como não acreditassem, atribuindo tudo a



modéstia, começaram a chamar-lhe Faz-Tudo.
Realmente, ao contrário do que poderia supôr-se
pelas respostas da mãe, fazia tudo o que possa
imaginar-se de mais difícil, mas sempre de maneira

(Continua na página 3)

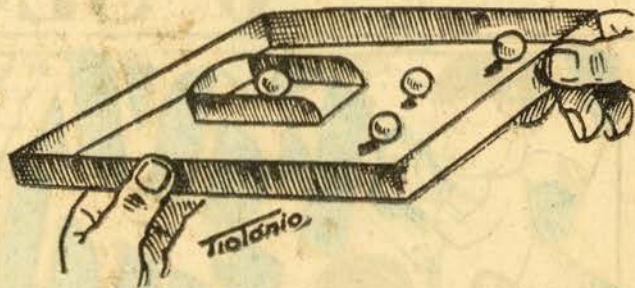
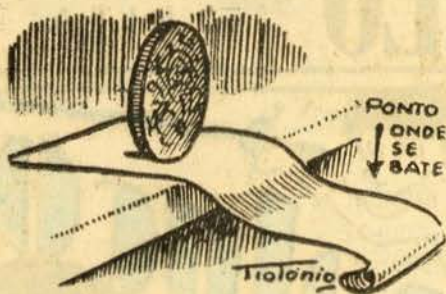
SECÇÃO do *Tiolónio*



◀ ENGENHOCAS ▶ PASSATEMPOS ▶ ADIVINHAS ▶ JOGOS ▶

UMA HABILIDADE

Um jogo



Como alguma paciência, tenta-se colocar uma moeda de 1 escudo em pé, sobre uma tira de papel na borda de uma mesa ou de outro móvel.

Trata-se nada mais nada menos de conseguir tirar o papel sem fazer cair a moeda. Parece difícil mas não é.

Com uma mão, segura-se a ponta do papel e, com o dedo indicador da outra, dá-se uma pancada enérgica sobre a tira de papel, no espaço entre a mão e a moeda.

Em virtude do princípio físico da *inércia* a moeda nem estremece, pois o movimento foi tão rápido que nem deu tempo a que transformasse o estado de *repouso* em *movimento*.

Duas tampas de caixas de cartão, umas bolas de vidro, metal ou outra matéria, são os elementos necessários para a confecção deste jogo.

Pela gravura poderão ver claramente que consiste o jogo em meter todas as bolas na caixa mais pequena unicamente com o impulso dado pela inclinação da caixa grande.

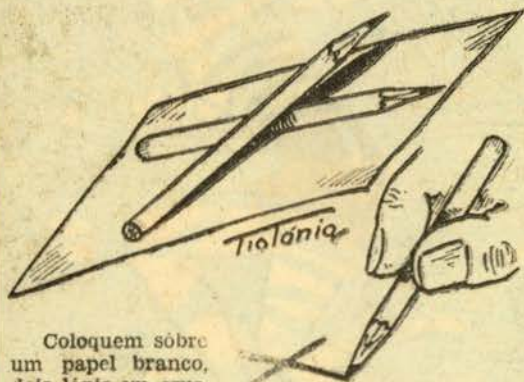
Quanto mais bolas forem, mais complicado e interessante se torna o jogo.

ERRATA

Na engenhoca O ESCARAVELHO, publicada nesta secção no n.º 337, na 3.ª linha da *Maneira de construir* onde se lê,

...enfia-se o elástico no barão, deve-se ler,
...enfia-se o elástico no buraco...

Um problema



Coloquem sobre um papel branco, dois lápis em cruz, como indica a gravura.

Tirem um e proponham aos vossos amigos o seguinte.

Serão capazes de fazer uma cruz com este lápis sem o quebrar ou estragar?

Muitos, decerto, vacilarão e dirão mesmo que é impossível. No entanto nada há mais fácil do que a execução deste problema.

Com a maior facilidade e depois de todos acharem impossível, agarrareis o lápis e com o bico (pois não pode ser de outra forma), fareis uma cruz no papel,...

QUAL DOS DOIS APANHOU O COELHO?



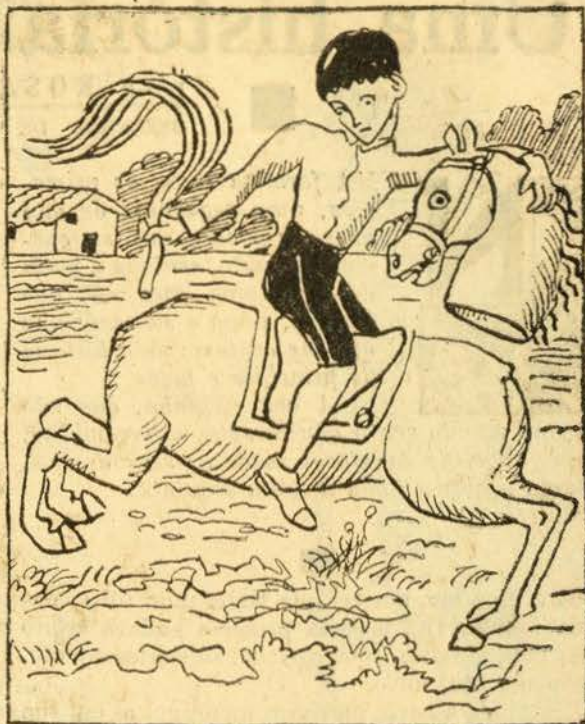
FAZ TUDO MALUCO

(Continuado da página 1)

tão extravagante que, por fim, passaram a chamar-lhe Faz-Tudo-Maluco.

Um dos seus prazeres predilectos era pintar, mas pintar à maneira futurista.

Um dia foi para o campo, com uma tela debaixo do braço e uma caixa de tintas. Sentou-se numa pedra, entre duas árvores e um girasol, e pôs-se a pintar lá à sua maneira. Ao chegar a casa, mostrou à família o quadro que havia feito e perguntou, todo presumido, que tal o achavam. Ninguém, contudo, percebeu o que representava. O pai dizia que era um camelo, a avó que era uma criancinha a chorar ao colo da ama, a mãe afirmava que era um elefante deitado num berço de bebé, a tia que era um vapor a deitar muito fumo e que se estava mesmo a ver; o irmão mais velhinho que não, que era, com certeza, um pré-lho de cinco andares, com uma menina a regar os craveiros, e só ele, Faz-Tudo, afirmava que era, simplesmente, uma paisagem, ao pôr do sol. Indigna-



do, jurou, então, que, quando estava a pintar, duas árvores e um girasol, por detrás d'ele, se debruçaram a ver e disseram, com grande entusiasmo:

— Ai, mas que bem! Que parecidos que estamos!

No dia seguinte, resolveu dar um passeio a cavalo. Foi direito à cavalaria, tirou de lá o seu «Veloz» e, montando-o, *tac-tac-tac...* partiu a galope, como o melhor «cow-boy», mas sempre acompanhado da sua inseparável «malva», um guarda-sol enorme, para o que desse e viesse. Trazia, também, sempre, consigo, uma enorme bexiga de porco, que Faz-Tudo-Maluco tão depressa enchia de ar como esvaziava.

A certa altura, já farto de galopar, resolveu voltar para casa. Como «Veloz» não levasse rédea nem freio, pôs-se a gritar-lhe aos ouvidos:

— Para trás, ao contrário, ao contrário!...

Então, como ele, à desfilada, como ia, lhe não obedecesse, Faz-Tudo-Maluco não esteve com meias medidas e, decidido como era, dá meia volta no selim, arranca a cabeça ao cavalo, põe-na no

(Continua na página 6)

CORRESPONDENCIA



Maria Fernanda Ruivo Remechido — Recebemos a tua cartinha. O teu conto será publicado, a seu tempo, numa secção especial. Se quizeres podes mandar o teu retratinho.

António Domingos de O. Soares — Não podemos publi-

car os teus desenhos sem, previamente, saber a tua idade. Queremos avaliar a tua vocação.

Fernanda Lemos — Recebemos as tuas produções que vamos ler atentamente. Se forem aproveitáveis serão publicadas.

Safira — Só poderemos publicar o seu conto se nos revelar a sua identidade, embora, depois, o conto seja publicado sob o seu pseudónimo se assim preferir.

Ventoinha — Porque terá emudecido o rouxinol da tua inspiração? Não há direito...

Lembranças a todos do

TIO-PAULO

Uma história da Avósinha

POR ROSA BRANCA
DESENHOS DE CASTANÉ



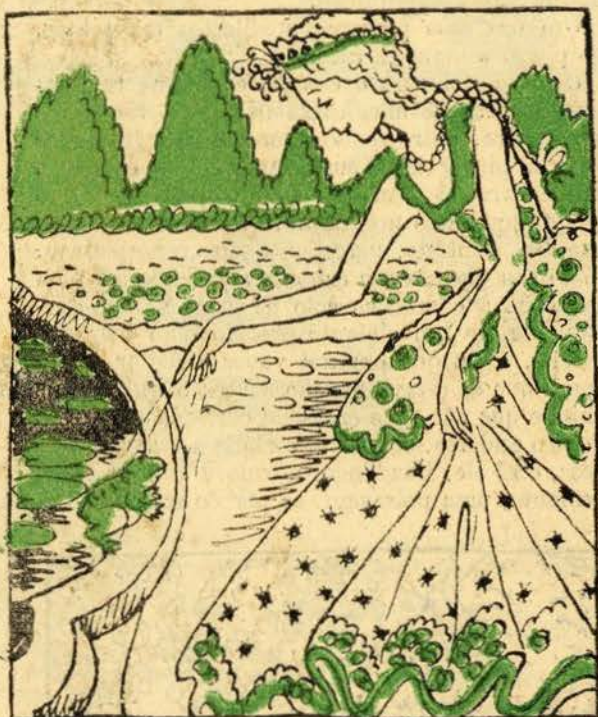
NUMA formosa tarde de primavera, uma pequenina de oito anos de idade, que se chamava Guidita, sentada à porta da pequenina casa em que morava, pedia à sua avózinha que lhe contasse uma história de príncipes e fadas.

A boa velhinha, que não tinha no mundo senão aquela neta, esforçando-se, sempre, por lhe satisfazer todos os seus desejos, pôs-se a contar a linda história seguinte:

Era uma vez um rei que tinha uma filha chamada Maubi. Ora a linda princesa andava muito triste porque havia desaparecido, misteriosamente, o príncipe seu noivo.

Para toda a parte partiram mensageiros em sua busca, mas nenhum conseguia encontrá-lo.

A princezinha, saúdosa do seu noivo, não comia



— Então, onde está ele?

— Vou já dizer-te, mas não digas a ninguém.

Uma noite destas, ele passou aqui próximo e a Fada do Mal, que sempre lhe teve raiva, transformou-o num sapo, dizendo-lhe que só seria desencantado quando a princezinha, sua noiva, lançasse sobre ele umas pedrinhas de sal.

— E onde está ele agora, comadrezinha?

— Naquele lago, ao centro do canteiro das dalias...

— Nisto, o *có-có-ró-có* duma galinha parda, que pusera um ovo, interrompeu a conversa.

A princezinha, que ouvira, surpreendida, aquele breve colóquio, correu logo ao lago, a fim de ver se encontrava o referido sapo, mas baldadamente.

No dia seguinte, levantou-se mais cedo e lá foi, novamente, procurá-lo; de facto, sobre as pedras que contornavam o pequenino lago, deparou um lindo sapinho diferente dos outros. Lançou-lhe as pedrinhas de sal e ficou satisfeitíssima, pois estas, mal lhe tocaram, de novo o transformaram no príncipe Maurício, tão lindo ou ainda mais do que era dantes.

Muito contentes, dirigiram-se ambos ao palácio dos pais da princezinha e, passados poucos dias, realizou-se o casamento com grande pompa.

E assim terminou a linda história que a avózinha contou, Guidita ouviu e Rosa Branca escreveu.

F i m



nem dormia e passava todo o tempo a cuidar. Um dia, porém, estando a deitar milho às suas galinhas predilectas, como era seu costume, surpreendeu a seguinte conversa entre duas frangaitas:

— Eu tenho imensa pena do príncipe Maurício, coitado! E a princezinha, já reparaste? Com que tristeza anda! Já, nem parece a mesma!... Tão contente outróra, e, agora, que diferença!

— E' verdade. Mas o que tu não sabes é que eu sei onde ele está; disse-mo o compadre Galito.

Era uma vez um macaco...

■ POR AUGUSTO DE SANTA RITA
DESENHOS DE A. CASTANE ■



Era uma vez um macaco em cima do seu poleiro, assente sobre um buraco num madeiro, feito por um carpinteiro que tinha bastante «caco».

Mas, voltando à vaca fria, era uma vez um macaco que olhava só de soslaio, e com modo sobranceiro tudo quanto deparava quanto via.

Era uma vez um macaco chamado Dom Pio-Paio, cujo poleiro ficava mesmo em frente do poleiro dum palrador papagaio.

*Era uma vez um macaco, tal como, há pouco, dizia, que, além de tolo e velhaco tinha um fracó:
— desdenhar de quanto via!*

Como falar não sabia, só por mímica — coitado — traduzia o que sentia. Mas, contudo, o pobre à sua maneira, como no cinema mudo, ao papagaio vexado, muito orgulhoso dizia, com altivez sobranceira:

— «Que animal tão atrasado que tu és, bizarro bicho; mas que plumagem! Dir-se-ia que foste, um dia, tirado dalgum caixote do lixo!

Que bico fenomenal, nem eu sei que me parece! Repara em mim: sou tal qual um ente da humana espécie!

Nisto, volve o papagaio, com toda a serenidade, fulminando-o como um raio:



Tudo isso será verdade mas repara em teu apêndice! A minha pronúncia estende-se à fala da Humanidade: e o que tu dizes, entende-se?

Tal ouvindo ao papagaio, de tal modo Pio-Paio ficou furo, que, dando um tremendo pulo, até partiu a corrente, presa ao tal poleiro, assente num buraco do madeiro, feito por um carpinteiro que tinha bastante «caco»; fugiu, nunca mais se viu...

..... e era uma vez um macaco!...

F I M

Decifração da Carta Hieroglífica de TIO-TÓNIO

Queridos sobrinhos

E'-me extremamente grato ver o interesse que a *Secção de Tio-Tónio* lhes desperta. Farei o possível por corresponder. E' preciso que me participem as vossas preferências, para que possa atendê-las.



FAZ TUDO MALUCO

(Continuado na página 3)

sítio da cauda, coloca a cauda no sítio da cabeça, e *tac-tac-tac...* êle aí vem, desenfreado, a caminho de casa.

Súbitamente, porém, havendo tropeçado e porque a cabeça e a cauda não tivessem ficado bem atarrachadas, desconjuntou-se todo e ficou feito em postas.

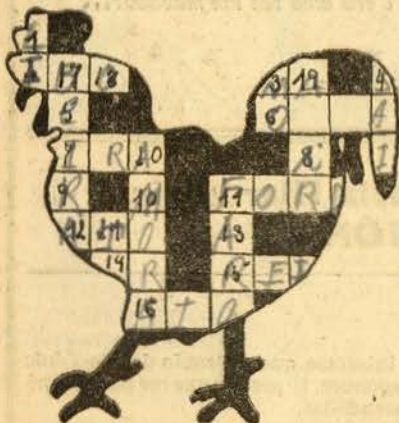
Faz-Tudo-Maluco, homem de expediente, puxou, então, da sua bexiga de pórcio e pôs-se a soprá-la com tal fúria de pulmões que, dentro de um quarto de hora, conseguiu torná-la num aeros-

tato quási tão grande como o «Conde Zepellin». E, pouco a pouco, começou a sentir que se elevava no espaço.

Radiante, sempre agarrado à grande «malva», ia já projectando uma viagem à lua, quando, súbitamente também, um grande estouro se ouviu: — *Pum!*... e *zut!*... Faz-Tudo-Maluco vem de escanfilhão tombar sobre uma névem que, de tão macia, até lhe deu a sensação de haver caído sobre uma fôfo colchão de sumatúma.

Com uma serenidade espantosa, pegou, então, no seu guarda-sol enorme, abriu-o e, à laia de pára-quedas, herói Faz-Tudo-Maluco... caiu das névens!

F I M



Palavras Cruzadas

Horizontais: — 1, consoante; 2, nome duma canhoneira portuguesa, ou povoação nortenha de Moçambique; 3, ruim; 4, consoante; 5, segunda vogal; 6, nome duma serra portuguesa; 7, raiva; 8, terceira vogal; 9, consoante; 10, consoante; 11, marca dum automovel; 12, tempo do verbo atar; 13, primeira vogal; 14, passar de um lugar para outro; 15, monarca; 16, encarregado da educação dos filhos de pessoas de grande tratamento.

Verticais: 1, tempo do verbo lêr; 17, cidade de Moçambique; 18, quarta vogal; 3, pedra de moinho; 19, consoante; 4, tempo do verbo sair; 20, fruto da amoreira; 11, cidade algarvia; 21, pronome pessoal.

HORA DE RECREIO

ADIVINHA

CHARADAS ELECTRICAS

Por JOÃO BATISTA CAMPINA JOR.

Quando êle *pula* estraga o calçado que que é duma boa marca 2-2

Naquela *casa*, há muitas *filas* de cadeiras 2-2.

Os muros daquela *morada senhorial*, estão tão *moles* que se arruinam em pouco tempo-2-2.

Esta *feridas extraordinarias* dão cruciantes dôres antes de se poderem *curar*-2-2.

O caracter dêste homem só é *invulgar* quando está a *resar*-2-2

SINCOPADAS

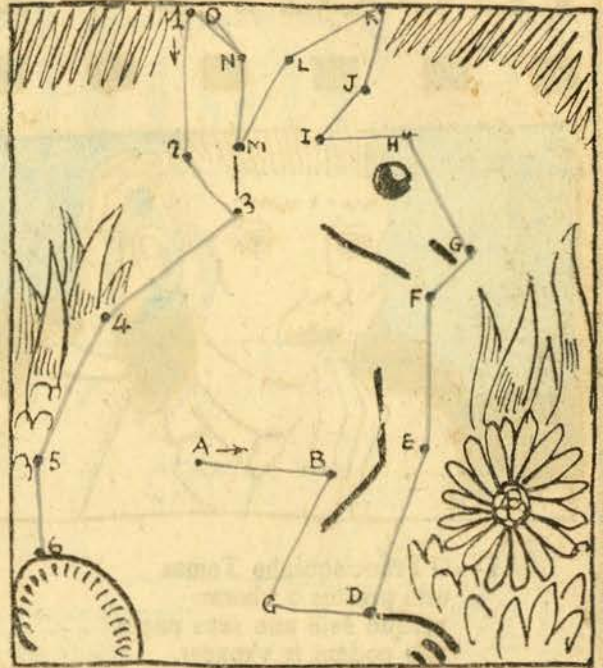
3 — A *união* dá sempre bom *exemplo*-2

3 — Quando o rei te *mandar*, vai ornamentar o *palácio*-2

3 — Conheço um *habitante da Galiza* que é *tartamudo*-2.

3 — Esta *planta do mar* tem muita *astúcia*-2.

3 — Esta *mulher*, a todas as suas boas qualidades *junta* ainda uma beleza *esculptural*-2.



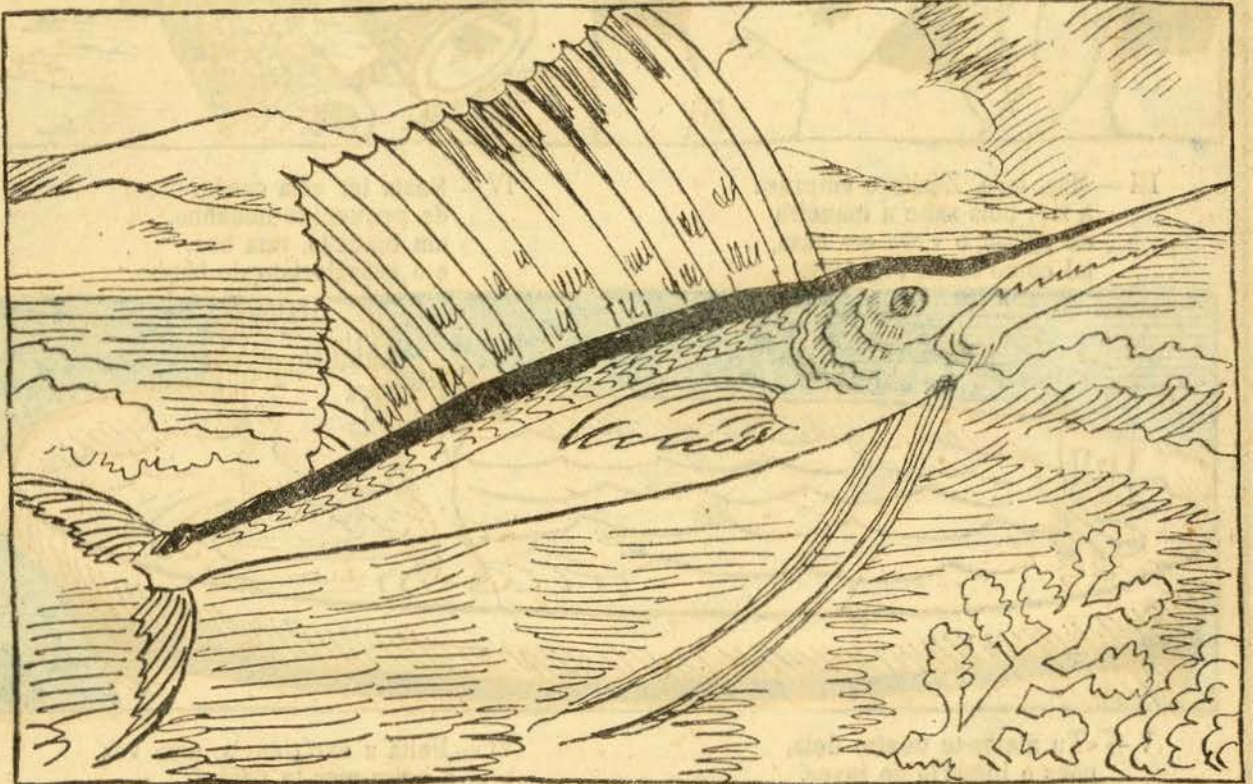
Meus meninos

Solução do enigma anterior

O «Pim-Pam-Pum» é o jornal mais engraçado de Portugal.

Um caçador está fazendo pontaria a um animal que só êle está vendo. Vejam se descobrem que animal é êsse tracejando as letras e os algarismos do desenho,

PARA OS MENINOS COLORIREM



O Veleiro das Indias

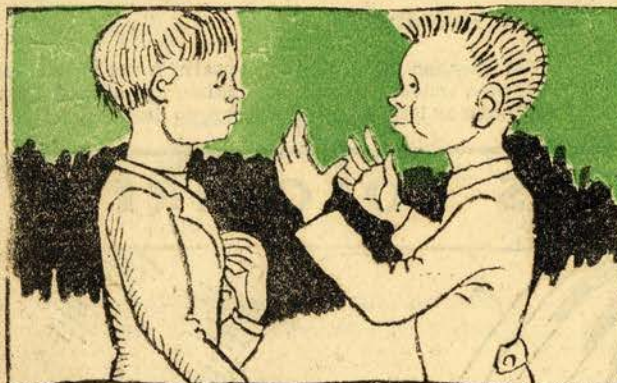
ILUSÃO DE ÓPTICA



I — O Francisquinho Tomaz está prestes a chorar, porque este ano seus papás não podem ir v'ranear.



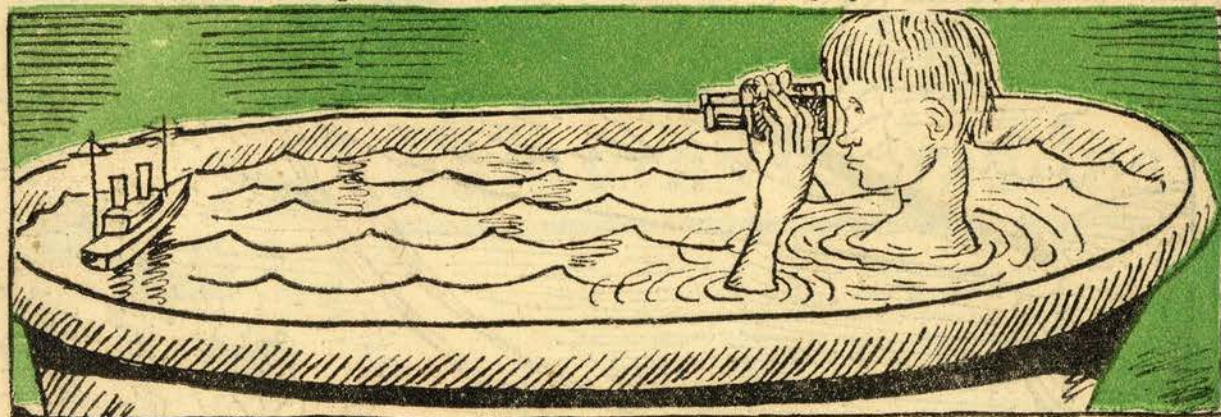
II — O próprio pai, ao serão, foi quem deu tal novidade: — «Devido à crise, este v'irão, ficaremos na cidade.



III — Mas, logo, Zézito o empraza a rir; pois sabe a maneira de passar o v'irão em casa, tal como lá na Figueira.



IV — Basta ter uma canôa, de pequenino tamanho, um binóc'lo, tina boa, e o próprio fato de banho.



V — «Tu metes-te dentro dela, pões o binóc'lo ao avés, e olhas o barquinho à vela, das lentes dele, através.

VI — Feita a exp'riência, uma vez à beira-mar te verás!...» Se bem ouviu, assim fez o Francisquinho Tomaz!